

A farra
DO MEU
cadáver

TARCÍSIO PEREIRA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

*“Um novo, claro Brasil
surge, indeciso, da pólvora.
Meu Deus, tomai conta de nós.”*

**(Carlos Drummond de Andrade
- Outubro 1930)**

parte um

SÁBADO, 26

01 – O eterno velório

ACHO que desta vez o mundo irá explodir. Eles sempre tiveram a intenção da pólvora. Mas eu não estarei aqui para ver!

- Presidente, o que o senhor tem contra o nosso movimento?...

Lembro dessa pergunta, tão recorrente, na boca de alguns tenentes que foram nos visitar na Parahyba do Norte. Respondi muitas vezes que me deixassem de fora, jamais contassem comigo. Em uma das ocasiões, tratei de encerrar o assunto e lhes preveni, sem papas na língua, que voltassem todos para suas casas se insistissem nos planos de um levante armado. A luta era outra. Tínhamos que vencer pela força das urnas, mas aqueles homens não acreditavam nas urnas. Então lhes falei, sem entrar nos detalhes, que preferia o triunfo dos adversários a ter que apoiar um derramamento.

- E não se trata mais disso diante de mim!

Olharam-se, contrariados, com todos os nervos à flor da pele, como a se dizer que haviam perdido a viagem...

Depois desse dia, nunca mais falaram em armas – pelo menos na minha frente!

Hoje, passados alguns meses, estou convencido de que o tal levante haverá de explodir a qualquer momento. E tudo por causa do meu lindo enterro, depois das coisas que tenho ouvido nas duas últimas semanas:

– *À vingança!*

– *Fogo, fogo, fogo...*

São vozes inflamadas de um povo desvairado, que não para de gritar desde a noite daquele sábado, 26 de julho, e que não me saem dos ouvidos... Estou morto. O fato é que morri. Já faz quatorze dias que me assassinaram. E até agora não sepultaram o meu corpo.

– *O navio acaba de chegar na Baía da Guanabara...*

Isso foi ontem, no início da tarde, depois de tanta navegação por águas brasileiras. Porque desconheço, juro que não conheço, qualquer defunto na história deste país que tenha passado tantos dias insepulto!

Por que, então, fui o escolhido?... Justo eu que sempre contestei e abdiquei de homenagens?

Mas o dia chegou, são quatro horas da tarde. Deste melancólico 8 de agosto que paralisou a capital do país. Finalmente, agora, acho que a minha alma encontrará sua paz definitiva. Depois de duas semanas, estou descendo à cripta no Cemitério São João Batista, aqui no Rio de Janeiro, esta cidade em que fui feliz e da qual jamais deveria ter saído... Mas até nesta hora, nestas últimas honras de despedida, ainda sou obrigado a escutar

uns sermões à beira do jazigo. Não querem me largar nem mesmo neste instante de alívio. Os coveiros, mais uma vez, tiveram que suspender os trabalhos e parece que agora lá vem discurso – mais um discurso gordo e verborrágico, para encher o saco dos meus vermes.

– Um homem como ele deveria ser enterrado de pé...

Minas Gerais com a palavra. É um deputado de lá, falando por esse Estado da nossa grande aliança... E eu deveria, segundo ele, ser *enterrado de pé!*

– De pé, como não vivem muitos dos seus algozes...

Se eu pudesse lhes dizer alguma coisa agora, pediria apenas que me deixassem partir. Porque estou cansado desses palavrórios que vêm se repetindo há dias, nos portos e estações de todas as cidades por onde passei, desde a minha saída num trem de Recife.

– *Nos perdoe, Presidente... Recife pede perdão!*

Recife pediu perdão naquela madrugada. Por essa voz de um maluco insone que gritou da sacada de um velho sobrado, e que não me sai da lembrança... Mas quero esquecer Recife. Meu velho e amado Recife. Com seu aroma de chá naquela tarde de sábado, três amigos na mesa e depois três balas, todas disparadas na direção do meu peito:

– *Por que não vai embora, homem?...*

(Ele não vai...)

– *Já terminou, me deixa em paz. Sai da minha lembrança, eu já estou sendo enterrado...*

Eis o assassino, aqui outra vez... Ele nunca me deixa, ainda que esteja preso... Acho que veio ver o sepultamento, depois de quatorze dias. O mineiro está em pleno discurso, mas o criminoso não me sai da cabeça... A culpa é tua, Joca. Afinal, quem te mandou evocar o Recife?

E lá vem a bala, a primeira bala, partindo do seu revólver. É um homem de terno escuro, com gravata vermelha e sapatos amarelos, terrivelmente amarelos, não consigo esquecer essas cores dele... E um par de olhos verdes, agressivamente verdes! Ele atravessa o salão da confeitaria e chega junto à mesinha onde estou sentado com os três amigos, tomando meu chá... Ele me aponta o seu pistolete e, antes de atirar, tem a franqueza de dizer quem é:

– *João Dantas...*

E lá vem o fogo, o fogo – mas também a vida... Sim, a vida inteira rebobinando na mente, ou parte dessa vida, durante o itinerário da bala! No início, apenas os ecos daquela voz:

– *João Dantas... Dantas... Dantas... Dantas...*

Aquele nome atroando, martelando nos tímpanos, me acendeu na lembrança a folha de um jornal, que eu lera no mês passado. Uma página impressa no Jornal do Commercio, do início de junho, onde aquele homem publicou uma carta me chamando de doido. Lembro que li a matéria infame e, depois da leitura, mandei chamar ao meu gabinete o chefe de polícia. Gritei para ele:

Dessa vez foi o meu irmão, o Oswaldo Pessoa. Insistiu em viajar comigo, no que discordei com unhas e dentes:

- Não preciso, não quero ninguém me acompanhando, não tenho medo...

Deram a me chamar de cabeça dura, de caprichoso e turrão, de... *suicida* - no que estavam plenos de razão! De certa forma, cheguei a me deleitar com os próprios modos de agir, o que não deixava de ser também uma tática para os demover das advertências. Passaram a questionar, então, sobre os reais motivos da minha viagem, se estava escondendo um compromisso político ou se ia me encontrar com alguma dama - o que tratei de afastar com uma decisão mais ousada:

- Quero que publiquem sobre a minha viagem - falei.
- Mandem chamar o diretor da gazeta e vamos dar publicidade. Não quero que façam insinuações maldosas sobre o que pretendo fazer em Recife.

O chefe do jornal chegou em poucos instantes. Compareceu ao Palácio no final da tarde e eu lhe passei as instruções do informe:

- Publique que estou indo a Recife para visitar um amigo no hospital...

Ele foi outro a me precaver. Falou dos riscos da publicação e aconselhou que a notícia não fosse dada:

- O senhor está indo à boca do leão e ainda vai cutucar a fera?

Antes arriscar do que me expor a fofocas, era a minha convicção!

- Estou ordenando que publique - disse-lhe, sem meias palavras. - Cumpra.

Então se publicou. O que talvez tenha sido a minha grande falha. Aquele homem chamado João Dantas, segundo disseram, se encontrava em Olinda há mais de dois meses e, dentro de um bonde, leu a notícia no jornal A União sobre minha visita a um magistrado doente, naquele sábado, na capital pernambucana... Que ele viu a nota e não pensou duas vezes, foi o que disseram. Desceu do bonde, voltou à residência em Olinda, armou-se de uma pistola e passou a tarde inteira me procurando, pelas pontes e artérias do centro comercial da cidade...

Me encontrou às cinco e meia da tarde numa esquina da Rua Nova com Rua da Palma, depois de avistar o carro oficial do Governo da Parahyba, enquanto eu tomava chá na Confeitaria Glória.

Mas eu não vi nada disso. Foi o que escutei no salão do navio, em um desses dias do meu eterno velório.



LIVROS ILUMINAM



Este livro foi composto em Utopia Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em fevereiro de 2023.

